

“CORAGEM! LEVANTA-TE! ELE TE CHAMA!” (Mc 10,49)

Aíla Luzia Pinheiro de Andrade¹

RESUMO

A pergunta de Mc 8,27.29 quer esclarecer sobre a identidade de Jesus e sobre o correto discipulado, aquele que não exclui as pessoas do Reino que se anuncia. É incompleta a resposta da comunidade através de Pedro, pois Jesus não corresponde às ideias messiânicas do senso comum, Jesus é o messias crucificado. O relato sobre o cego Bartimeu mostra a messianidade do crucificado e como se dá o processo do verdadeiro discipulado.

PALAVRAS-CHAVE: messias crucificado; seguimento de Jesus; discipulado; cego Bartimeu.

ABSTRACT

The question of Mk 8,27-29 aims to clarify Jesus' identity and the correct discipleship, the one that does not exclude people from the Kingdom which is proclaimed. The community's answer given through Peter is incomplete because Jesus does not correspond to the messianic common sense ideas, Jesus is the crucified messiah. The story of the blind Bartimaeus shows the messiahship of the crucified one and how the process of true discipleship happens.

KEYWORDS: crucified messiah; the following of Jesus; discipleship; blind Bartimaeus.

INTRODUÇÃO

O tema central do Evangelho de Marcos é a pergunta cristológica, ou seja, sobre quem é Jesus, que tipo de messias ele é (cf. 8,27.29)². Essa interrogação de Jesus a seus discípulos não visa medir o “índice de audiência” que ele está atingindo, quer dizer, a pergunta feita aos discípulos não tem por objetivo saber o quanto Jesus está agradando à população, como fazem os programas de rádio e de televisão. A pergunta sobre a identidade de Jesus faz parte do projeto teológico de Marcos, isto é, do objetivo que o moveu a escrever esse evangelho. Jesus está ocupado em construir, na consciência coletiva, a identidade dele, ou seja, quer estabelecer uma exata compreensão a respeito do messias e, além disso, de que tipo de messias ele é. Na resposta dos discípulos se

¹ Membro do Instituto Religioso Nova Jerusalém, graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), onde também cursou mestrado e doutorado em Teologia Bíblica e lecionou durante alguns anos. Atualmente é professora da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). É autora do *Eis que faço nova todas as coisas – teologia apocalíptica*, edições Paulinas, 2012.

² Utilizaremos no decorrer do artigo a edição crítica: ALAND, Kurt & NESTLE, Erwin. (ed). *Novum Testamentum Graece*. 27a ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1993.

esclarece a missão da comunidade dos discípulos, porque é a partir da correta compreensão da messianidade de Jesus que a Igreja poderá exercer seu papel na sociedade até que ele venha.

Jesus é um messias acolhedor, que ensinou o amor em todas as suas palavras e ações e por isso foi crucificado. A comunidade de seus seguidores³ deve ter a mesma atitude do Mestre, mesmo que isto lhe traga sofrimentos e perseguições. O texto que ora estudamos vai nos orientar a esse respeito.

1. “E ainda não entendeis?” (Mc 8,21)

A pergunta cristológica (cf. 8,27.29) divide o Evangelho de Marcos em duas grandes partes: a primeira trata principalmente sobre o anúncio do Reino de Deus na região da Galiléia (cf. 1,1–8,26) e a segunda focaliza mais a identidade messiânica de Jesus, começando na viagem para Jerusalém e culminando na cruz e ressurreição (cf. 8,27–16,8)⁴.

A primeira parte do Evangelho termina com a cura do cego de Betsaida; está intimamente relacionada com as questões judaicas (cf. 6,45–8,9) que se referem ao messias⁵ como o domínio sobre as águas, pureza/impureza e com o sinal do pão (maná). Jesus acabara de enviar os Doze (símbolo das doze tribos) em missão (cf. 6,7-44) e pretendia se assegurar de que eles não cometeriam os mesmos erros de alguns judeus (cf. 8,14-21), ou seja, de que para defender a pureza ritual (cf. 7,14-23) ou por causa do orgulho patriótico eles excluíssem pessoas do ingresso no Reino que estavam anunciando. Por isso Jesus cura a filha da mulher siro-fenícia, o surdo-mudo e o cego de Betsaida (cf. 7,24-37; 8,22-26). A cura da filha da mulher estrangeira significa a abertura do Reino de Deus aos que não pertencem ao povo eleito (Israel) e a cura do

³ Doravante, neste artigo, a expressão “comunidades dos seguidores” será utilizada para significar a igreja em volta de Jesus terrestre bem como a igreja que foi se configurando na história até hoje. O termo “igreja” não denota a denominação católica nem qualquer outra denominação cristã. Por “igreja” estamos falando de pessoas que amam Jesus e que se congregam em seu corpo místico a partir de um novo nascimento e que tem por objetivo configurar a própria vida às palavras e atitudes de Jesus de Nazaré, o messias e salvador. Enfim, a igreja de Jesus Cristo que subsiste na igreja católica.

⁴ WILLIAMS, Joel F. “Is Mark's Gospel an Apology for the Cross?”, *Bulletin for Biblical Research* 12/1 (2002) 97-122.

⁵ O messias deveria ser um profeta semelhante a Moisés conforme estava escrito em Dt 18,15.

surdo-mudo e do cego têm por objetivo levar a comunidade dos seguidores a escutar, falar e ver claramente que tipo de messias é Jesus e que Reino anuncia.

Dessa forma, o Evangelho de Marcos fecha a primeira parte mostrando que os discípulos ainda não compreendiam a messianidade de Jesus e a profundidade de sua mensagem sobre o Reino de Deus. A comunidade dos discípulos ainda estava surda, muda e cega.

A segunda metade do Evangelho de Marcos (cf. 8,27–16,8)⁶, logo após a pergunta cristológica, trata sobre o primeiro anúncio da Paixão (cf. 8,31-33) mostrando que a resposta de Pedro não está totalmente correta. De fato, Jesus é o messias, mas não corresponde às ideias messiânicas das quais os discípulos e a multidão são portadores. Ao contrário, Jesus é o messias crucificado.

Em seguida vem o trecho sobre as exigências para o discipulado (cf. 8,34–9,1)⁷. A comunidade dos seguidores de Jesus deve saber que, se viver autenticamente o seguimento, passará por dificuldades nesse mundo. Os discípulos de Jesus, de ontem e de hoje, devem estar dispostos a levar a cruz até que Ele venha. O tema do seguimento e da cruz voltará nos anúncios da Paixão, no segundo (cf. 9,30-32) unido à questão da acolhida (cf. 9,33-37), e no terceiro (cf. 10,32-34) vinculado ao problema da autoridade como serviço (cf. 10,35-45).

Em suma, a comunidade dos discípulos deve ter o agir semelhante ao de Jesus, ou seja, bem diferente dos princípios do mundo no qual está inserida. Isso trará perseguições e sofrimentos da mesma forma que trouxe a Ele.

2. Jesus e o cego bar-Timeu (10,46b-52)⁸

Jesus encontra-se novamente com um cego, dessa vez, em Jericó⁹. O contexto narrativo e geográfico onde estão inseridas as curas desses personagens é algo muito significativo. Betsaida era uma cidade da Galiléia, às margens do rio Jordão, seu nome

⁶ O texto de Mc 16,9ss é um acréscimo posterior, não consta nos manuscritos mais autorizados, como o *Codex Vaticanus* (do século IV dC).

⁷ DONAHUE, John R. & HARRINGTON, Daniel J. *The Gospel of Mark*, Collegeville: The Liturgical Press, 2002, p. 29-34.

⁸ EDWARDS, James R. *The Gospel according to Mark*, Grand Rapids: Eerdmans; Leicester: Apollos, 2002, p. 297-330.

⁹ A cura do primeiro cego, em Betsaida, é narrada em Mc 8,22-26.

em aramaico significa *cidade dos pescadores* e evoca a atividade dos primeiros discípulos quando foram chamados por Jesus no início de seu ministério público. O início do seguimento seria o princípio da cura de uma cegueira que progressivamente (cf. 8,23-25) deverá se efetivar até a cruz-ressurreição de Jesus quando tudo será esclarecido. Jericó, a 35 km de Jerusalém, mencionada na cura do segundo cego, é o final da caminhada pedagógica de Jesus que culminará na cruz-ressurreição quando os olhos dos discípulos serão finalmente abertos.

A narrativa da cura do primeiro cego vem depois da menção ao fermento dos fariseus e de Herodes, ou melhor, depois da exortação de Jesus aos discípulos para que não se deixem corromper pela mentalidade errada daqueles que o rejeitam quer por apego a um tipo de interpretação das Escrituras, à qual não estão dispostos a avaliar e abdicar para poder ver em Jesus o messias, quer por apego ao poder político ao qual não estão dispostos a renunciar.

O tema da falta de compreensão dos discípulos está intimamente vinculado à cegueira (cf. 8,17-18). A cura do cego bar-Timeu abre os olhos dos discípulos para que vejam Jesus como messias (cf. 8,28-30), mas isso não é o bastante, é necessário saber que tipo de messias ele é. Prova disso é que logo depois de Jesus anunciar por três vezes sua Paixão e morte de cruz, há uma reivindicação dos filhos de Zebedeu para que lhes sejam dados altos cargos políticos (cf. 10, 35-37), isto demonstra que ainda não estão compreendendo que tipo de messias ele é.

A iminente entrada de Jesus em Jerusalém, onde sofrerá humilhações e o suplício da cruz, exige que a cegueira dos discípulos seja curada.

Nossa aproximação ao texto

A perícopé se inicia em 10,46b, primeiramente porque o trecho anterior termina com uma frase categórica (cf. 10,45) a respeito da missão de Jesus. Há também uma marcação de novo início porque em 10,46b temos uma mudança de espaço “quando ele saia de Jericó”¹⁰. Também houve uma mudança de personagens, o trecho anterior referia-se apenas a Jesus e aos discípulos, focalizando-se, principalmente, nos filhos de Zebedeu; mas, em 10,46b uma grande multidão e o cego participam da nova cena.

¹⁰ A expressão “E foram para Jericó” em 10,46a serve para manter os dois temas interligados, é uma frase de transição.

O final do texto está indicado em 10,52, primeiramente porque traz uma expressão do tipo terminal, a saber, que o ex-cego passou a seguir Jesus. Além disso, há o começo de uma nova perícopes em 11,1 com nova mudança de cenário e de atores.

O texto de Mc 10,46b-52 possui unidade interna, não há acréscimos redacionais, inclusões nem mudanças no campo semânticos. O tema abordado é o mesmo em todos os versículos, demonstrando uma coesão textual que pode se estruturada de forma concêntrica:

A – À margem do Caminho (v. 46b)

B – O pedido do cego (v. 47-48)

C – Jesus interage (v. 49)

D – O cego vem a Jesus (v. 50)

C' – Jesus interage (v. 51a)

B' – O pedido do cego (v. 51b)

A' – Pelo Caminho (v. 52)

Vejamos os detalhes de cada seguimento da estrutura:

A – À margem do Caminho (v. 46b)

Depois de breve introdução que informa ao leitor sobre o local e os personagens, é apresentado o cego a partir do qual o tema vai ser abordado. A referência a Jericó não é aleatória, sua proximidade de Jerusalém e as diversas citações dessa região no Antigo Testamento fazem com que o episódio da cura seja mais significativo. Foi através de um ato do poder de Deus que Josué começou a conquista da terra prometida com a queda das muralhas de Jericó (cf. Js 6,20).

Os actantes assinalados na introdução da perícopes são os discípulos e a grande multidão. Às cercanias de Jerusalém, onde Jesus será crucificado, os discípulos continuam sem entender que tipo de messias ele é e que espécie de seguidor ele quer; fato comprovado pela atitude dos filhos de Zebedeu e dos demais discípulos na perícopes anterior (cf. 10,35-45).

A expressão “numerosa multidão” ou “grande multidão”¹¹, que acompanha Jesus, está presente dez vezes¹² no Evangelho de Marcos e significa primeiramente um forte indício de que Jesus pode ser o messias, pois o fato das multidões o acompanharem significa um reconhecimento popular de que ele é um enviado de Deus; contudo, a multidão não tem nenhuma clareza sobre a identidade de Jesus e não o segue como messias (cf. 8,28). Em segundo lugar, demonstra a atitude de acolhida a todos por parte de Jesus que cura os enfermos e liberta os que estavam em poder dos espíritos impuros. A multidão carece de tudo (cf. 6,34; 8,1), inclusive, de aprofundamento a respeito do evangelho e do Reino para um efetivo reconhecimento da messianidade de Jesus. O surdo-mudo tem que ser tirado da multidão para que possa ouvir e falar corretamente (cf. 7,32-33).

Finalmente, através do recurso narrativo chamado de *perspectiva interna*¹³, focaliza-se o cego e algumas informações são dadas ao leitor do Evangelho:

- ele é cego: sua situação social e religiosa é de marginalização, pois naquela época havia um senso comum de que certas limitações seriam sinal de castigo pelos pecados (cf. Jo 9,2);

- estava sentado: ele ainda não segue Jesus, sua posição sentada está em contraste com aqueles que seguem pelo caminho.

- mendigando à margem do caminho: ou conforme a mentalidade hebraica, exigindo justiça (*tsedakah*)¹⁴, pois segundo a Torah (Pentateuco), as pessoas não podem orar a Deus se não amarem efetivamente o irmão (cf. Dt 15,4-6). Nesse sentido, o cego exige justiça aos peregrinos que estão indo para Jerusalém celebrar a Páscoa.

- é bar-Timeu, filho de Timeu: não se trata do nome do cego, o termo aramaico *bar* significa “filho de [...]” portanto, a informação possivelmente pretende indicar mais que uma simples tradução para outro idioma. O termo grego *timaios* (τιμαῖος)¹⁵ pode ser a transliteração das raízes aramaicas *timê* (ܛܡܐ) ou *têma'* (ܛܡܐ) para *impureza* ou

¹¹ Às vezes Marcos usa πολλὸς πληθός e, às vezes, πολλὸς ὄχλος para expressar a ideia de muita gente.

¹² Mc 3,7.8; 4,1; 5,21.24; 6,34; 8,1; 9,14; 10,46; 12,37

¹³ É como se a narrativa fosse uma filmagem, na perspectiva interna a câmera seria os olhos dos personagens, ou seja, o autor mantém a percepção do leitor tão limitada quanto a dos personagens, oferecendo-lhes informações ao longo do relato.

¹⁴ Os vocábulos em hebraico foram consultados na obra: KOEHLER, Ludwig & BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2000.

¹⁵ Os termos em grego foram pesquisados no livro: KOHLENBERGER, John R (org). *The exhaustive concordance to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

*pobreza*¹⁶. Dessa forma, o cego pode ser “filho da pobreza” ou “filho da impureza”, ou os dois sentidos, por causa da ambiguidade da tradução.

- estava sentado à margem do caminho: em aramaico *ôrah* (הַרְרָה), caminho, em sentido metafórico, significa a vida inteira de alguém, pois acreditava-se que os propósitos de vida de alguém seriam revelados pelo caminho que ele tomasse, no caso de Jesus é a cruz, e esse caminho deve ser trilhado por aqueles que o seguem. É também muito significativo o fato de que o termo *caminho* tenha sido a designação mais antiga da comunidade cristã (cf. At 24,14).

B – O pedido do cego (v. 47-48)

Agora o texto centraliza-se nas atitudes do cego, no recurso literário de *perspectiva externa*, o narrador esconde a informação do leitor para aumentar a tensão dramática, o leitor não sabe o que virá em seguida, se o cego conseguirá ou não aproximar-se de Jesus. As atitudes, do cego, mostradas passo a passo são essas:

- ele ouve: evoca o *shema'* (cf. Dt 6,4-9), credo principal de Israel, em contraste com os discípulos e a multidão que não estão dando ouvidos (a devida atenção) aos ensinamentos do Mestre.

- ele clama, é repreendido, clama mais forte: o mesmo verbo *clamar*, *krázo* (κράζω), é usado em outras duas passagens do evangelho, primeiramente na perícopre seguinte quando Jesus entra em Jerusalém e todos que o seguem clamam “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!” (11,9); e quando estão diante de Pilatos todos clamam “Crucifica-o!” (15,13). A expressão “clamar mais” está presente na perícopre do cego e no julgamento de Jesus, nos lábios daqueles que exigem a crucificação (15,14). Com o mesmo termo usado em Mc a LXX menciona o clamor nos salmos dos perseguidos que clamam a Deus e são ouvidos por Ele¹⁷.

- tem compaixão de mim: é o mesmo pedido do justo sofredor no Sl 27,7 (cf. 26,7^{LXX}), que num grito de confiança recorre a Deus que o atende.

¹⁶ PRICE, Robert M. *The Pre-Nicene New Testament: Fifty-Four Formative Texts*. Salt Lake City: Signature Books, 2006. p. 96.

¹⁷ Sl 17, 6; Sl 30, 3; Sl 69, 4, que na versão grega (LXX) a numeração é, respectivamente, Sl 16, 6; 29, 3; Sl 68, 4.

- Jesus nazareno, filho de Davi: temos aqui duas expressões muito importantes a respeito da identidade de Jesus. Primeiramente ele é o nazareno, quer dizer, um ser humano com sua cidadania e contextualizado, fruto do seu tempo. Mas também é “filho de Davi”, uma referência explícita ao messias. O cego consegue perceber no homem de Nazaré algo mais que um ser humano como todos os outros, ele era o messias prometido a Israel.

C – Jesus interage (v. 49)

Por ironia, o cego consegue ver mais do que os discípulos e a multidão. Seu clamor a Jesus com o mesmo sentido encontrado nos salmos mostra sua fé que o Nazareno, o messias Filho de Davi, pode escutá-lo da mesma forma que Deus atendia ao justo sofrido. Mas ainda é necessário ir além. Que tipo de messias seria Jesus? É necessário que isto fique claro para todos aqueles que o acompanham, por isso o texto vai destacar agora a interação entre Jesus e as pessoas ao seu redor:

- se deteve: o verbo *hístemi* (ἵσταναι) possui vários significados. Com o mesmo sentido que é usado aqui, encontra-se somente na perícopa sobre o modo como a igreja deve exercer autoridade. Ali também descreve um ato de Jesus de *manter parada* uma criança no meio dos discípulos para instruí-los sobre como deve ser exercida na igreja a acolhida em nome dele (cf. 9,36-37).

- mandou chamar; eles chamaram; ele chama: muitos repreendiam o cego, foi dito no versículo anterior, então Jesus envia a estes mesmo a chamar o cego. Três vezes no mesmo versículo aparece o termo *chamar*, *fonéo* (φωνέω). É o mesmo verbo usado para instruir os Doze a respeito de como deve ser a autoridade no Reino (cf. 9,35), numa clara alusão de que o exercício da autoridade na igreja não significa antes de tudo repreender o clamor do que está à margem, e sim a acolhida e a intermediação no encontro com Jesus. É Jesus quem chama e aqueles que o seguem são enviados a chamar outros a estarem no caminho.

- tem ânimo, levanta-te: essa atitude por parte de quem se dirige ao cego evoca o texto de Is 35,3-10, quando o profeta encoraja Israel (cf. Is 35,4) a respeito do que Deus fará quando reunir em Jerusalém todos aqueles que estavam dispersos pelo mundo. O texto de Isaías sobre o regresso a Sião era lido em perspectiva messiânica. A

hermenêutica feita pelos mestres judeus afirmava que quando viesse o messias não haveria mais aleijados, cegos, surdos, mudos, desarmonia na natureza. Não haveria mais medo, ao contrário, o caminho para Jerusalém seria santo e nenhum impuro passaria por ele (cf. Is 35,8). A atitude correta daqueles que são enviados por Jesus a chamar outras pessoas é de não tratá-las como impuras, ao contrário, encorajá-las para trilhar o caminho do Mestre.

D – O cego vem a Jesus (v. 50)

Essa é a parte central da perícopé. É como se o autor bíblico estivesse dando um *zoom* e agora a dramatização tivesse se afunilado desde a máxima abertura do campo de visão até o foco mínimo. Do horizonte amplo da estrada para Jerusalém com a multidão de transeuntes agora a atenção é dada somente ao cego e às suas atitudes:

- lançou fora o manto: a parte mais externa das vestes. Na versão grega do Antigo Testamento, a LXX, o termo *himátion* (ἡ μάρτιον) corresponde à posse essencial do pobre que, conforme Ex 22,25-26 não pode ser retida durante a noite como penhor porque serve de agasalho para o frio. Isso significa que o manto era algo do qual ninguém poderia abdicar (cf Dt 24,12-13.17). Contudo, o texto afirma que o cego se despojou até de sua propriedade mais essencial, mostrando que essa é a maneira pela qual se deve ir ao encontro do Mestre. Esse primeiro passo é necessário para ser um discípulo de Jesus.

- levantou-se de um salto: o cego compreendeu a urgência de pôr-se a caminho, ele não colocou nenhum empecilho diante do chamado que lhe foi feito. Agora ele muda sua posição inicial, de sentado fora do caminho, para estar de pé, isto é, de prontidão.

- foi ter com Jesus: aqui se mostra a necessidade do encontro pessoal e íntimo. A decisão e a disponibilidade de ir ter com Jesus dependem da boa vontade de cada um, mas a comunidade dos discípulos deveria considerar o fato de que se alguns ainda não fizeram o encontro com o Senhor talvez seja porque ela está repreendendo quem está sentado em vez de convidá-lo para pôr-se a caminho.

C' – Jesus interage (v. 51a)

Aqui temos o início do diálogo entre Jesus e o cego:

- Perguntou-lhe Jesus: *Que queres que eu te faça?* Essa pergunta revela não apenas quem é Jesus, mas que tipo de messias ele é. Revela como ele se relaciona com as pessoas, com aqueles que dele se aproximam. Parece óbvio que o cego quer enxergar. A pergunta de Jesus é surpreendente e revela uma acolhida elegante, ou seja, ele não invade a vida do cego, não toma decisão por ele, não o infantiliza, mas dialoga, pergunta.

B' – O pedido do cego (v. 51b)

- Respondeu o cego: *Rabboni, que eu seja capaz de ver.* Aqui aparece outro título para Jesus, além de *Nazareno* e *Filho de Davi*, agora o cego o chama de *rabboni* (רַבּוֹנִי), termo aramaico que significa *meu mestre*. Isso é muito significativo porque Jesus está ensinando o caminho para o Reino de Deus, que passa pelo esclarecimento a respeito de sua verdadeira identidade messiânica e real identidade do tipo de seguidor que ele deseja. Por isso, depois de assumir Jesus como seu mestre, o cego admite sua real situação reconhecendo a própria cegueira. Diferente dos discípulos muito apegados aos próprios conceitos sobre o messias, o cego faz o pedido mais importante a Jesus, ele deseja ser capaz de ver, ou melhor, de ser esclarecido verdadeiramente sobre o caminho de Jesus e do Reino.

A' – Pelo Caminho (v. 52)

Em resposta ao pedido do cego Jesus diz:

- vai: É o termo usado por Jesus ao final de cada cura, foi assim com o leproso (cf. 1,44); com o paralítico (cf. 2,11); com o homem geraseno (cf. 5,19); com a mulher hemorroíssa (cf. 5,34). Não se trata de uma simples despedida, mas de um envio em missão após um contato vital com o Senhor da vida, que restitui a dignidade humana ameaçada por diversos fatores.

- tua fé te salvou: aparece duas vezes em Marcos, no texto da mulher hemorroíssa (cf. 5,34), na primeira parte do evangelho e nessa perícopes que estamos

estudando. Destacando que as curas devem ser consideradas mais que um ato de poder, mas um ato de fé que tem como resposta a atenção de Deus através de Jesus que acolhe as pessoas consideradas impuras e lhes restitui a dignidade.

Considerações Finais

O texto que estudamos mostra os passos para o discipulado ontem e hoje. Atualmente, como pode ser visto com frequência nos programas de rádio e televisão de diversas denominações, inclusive, da igreja católica, a maioria das pessoas entende que seguir Jesus significa levar uma vida onde todos os problemas são resolvidos, fisicamente, financeiramente e emocionalmente. Mas o texto que estudamos mostra uma imagem bem diferente sobre o seguimento de Jesus. O verdadeiro valor da vida está em trilhar o caminho de Jesus que é o despojamento de si mesmo, da própria vida.

Jesus está trilhando o caminho que o levará à cruz, sua morte será o ápice de uma vida descentrada de si mesma em acolhida e serviço ao outro. Ele deseja inculcar nos discípulos o entendimento de que a decisão em segui-lo implica na renúncia da própria vida. Em outras palavras, quem verdadeiramente crer em Jesus como o messias deve estar disposto a tomar as medidas necessárias para ser um de seus discípulos.

Nas atitudes do cego encontramos o que é essencial para ser um discípulo de Jesus: (1) crer nele; (2) ir até ele e (3) caminhar com ele. Mas isso não é puramente fruto de um esforço humano, a primeira atitude de fé que encontramos no cego é o pedido de ajuda, um reconhecimento que sozinho não é capaz. Isso já é o princípio da fé.

(1) A fé em Jesus decorre de se ter ouvido falar sobre ele (cf. Mc 10,47; Rm 10,17). Começa com um ato de escuta, de estar atento ao mover das coisas ao redor de si, de perceber nas situações do cotidiano que Jesus está presente, de estar atento à voz de Deus. Cabe aqui uma crítica ao ativismo, à “ética” pós-moderna do desempenho, segundo a qual deve ser dado mais valor a quem mais produz. Numa situação assim fica difícil prestar atenção a Jesus que está passando.

O cego grita para Jesus chamando-o de “filho de Davi”. Essa expressão denota a ideia de messias na concepção judaica da época. Mas ela também tem implicações

políticas porque o messias deveria sentar-se no trono de Davi. O texto mostra que essa ainda não é a verdadeira fé em Jesus, é o primeiro passo, mas ainda está em conexão com a cegueira, inclusive dos discípulos que estão em busca de altos cargos políticos. Também hoje, algumas pessoas seguem Jesus tendo em vista interesses pessoais, inclusive econômicos e de ambição pelo poder, até mesmo pelo poder dentro da igreja.

Acreditar que Jesus é o messias e que ele poderoso ainda não é suficiente, não é essa fé que o cristão deve ter, pois até mesmo o demônio crê nisso (cf. Tg 2,19-20). Quem deseja ser um discípulo de Jesus deve dar um próximo passo, nos mostra o texto de Marcos.

(2) O cego continua no processo da fé, numa segunda etapa que é sua resposta ao chamado de Jesus. Um encontro pessoal e um diálogo sincero são indispensáveis. Mas, ao considerarmos as medidas necessárias para discipulado, vemos também que se a fé for inativa não é suficiente. Uma práxis deve acompanhar a fé. O cego despojou-se do que lhe era essencial para viver e entrou em um processo de despojamento da própria vida percorrendo o mesmo caminho trilhado por Jesus, o esvaziamento de si (*kénosis*) na cruz.

(3) Finalmente vemos uma fé madura. O texto mostra que aquele homem seguiu Jesus pelo caminho. O tempo grego do verbo *akolutéo* (ἀκολουθέω) significa “continua a seguir”. Ele se mantém no caminho, não se desviou daquele que o chamou a caminhar. Temos aqui o aspecto da perseverança. Vemos que o passo final na decisão de ser um discípulo de Jesus é que devemos segui-lo continuamente.

Por isso, o evangelho é o critério de avaliação da ação da igreja e de cada cristão. Peçamos a Jesus que nos cure a todos de nossas cegueiras e mantenha a comunidade de seus seguidores sempre atenta a quem está fora do Caminho, que o objetivo dela seja conduzir essas pessoas ao verdadeiro Mestre e não a si mesma, que nas estradas da história ela não busque o poder, que seus olhos estejam abertos para ver Jesus em cada homem e mulher de cada época até que o Mestre venha.

Referências

ALAND, Kurt & NESTLE, Erwin. (ed). *Novum Testamentum Graece*. 27a ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 1993.

Donahue, John R. & Harrington, Daniel J. *The Gospel of Mark*, Collegeville: The Liturgical Press, 2002. Sacra Pagina Series, vol. 2.

EDWARDS, James R. *The Gospel according to Mark*, Grand Rapids: Eerdmans; Leicester: Apollos, 2002. Pillar New Testament Commentary.

KOEHLER, Ludwig & BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2000.

KOHLBERGER, John R (org). *The exhaustive concordance to the Greek New Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

PRICE, Robert M. *The Pre-Nicene New Testament: Fifty-Four Formative Texts*. Salt Lake City: Signature Books, 2006.

WILLIAMS, Joel F. "Is Mark's Gospel an Apology for the Cross?", *Bulletin for Biblical Research* 12/1 (2002) 97-122.

Artigo recebido em 07.07.2012

Artigo aprovado em 22.12.2012